

O ESPAÇO URBANO COMO ENCRUZILHADA DE SINAIS

Isabel Barros Dias*

São sobejamente conhecidas múltiplas narrativas de fundação de cidades. Algumas dessas lendas surgem na historiografia produzida sob os auspícios de Afonso X de Castela e de Leão¹. Como exemplo, podemos referir o caso de A Corunha, fundada por Hércules (PCG: I, 9-10), de Sevilha, fundada por Júlio César (PCG: I, 8-9) ou de Cartagena, fundada por Cartagineses (PCG: I, 36-7). Estas narrativas servem, à semelhança de

* Universidade Aberta.

¹ Será aqui considerado, sobretudo, o texto da “versão régia” da *Estoria de Espanna*. Esta versão integra o texto editado por Ramón Menéndez Pidal como *Primera Crónica General de España*, Madrid, Gredos, 1977 (de aqui em diante **PCG**). Saliente-se, no entanto, que esta edição se baseou em dois manuscritos compósitos onde intervieram diversas mãos em épocas distintas. No entanto, o seu trecho inicial (até ao cap. 616) consiste na “versão régia” afonsina, ou seja, o texto aprovado pelo soberano como “oficial” aquando da redacção da primeira versão da *Estoria de Espanna*. Cabe ainda referir aqui que, actualmente, a crítica reconhece duas versões afonsinas principais da *Estoria de Espanna*, a “versão primitiva” (cerca 1270-74) e a “versão crítica” (cerca 1282-84). Estas duas versões foram, posteriormente, combinadas das mais variadas formas, abreviadas, ampliadas, adaptadas, traduzidas e entrecruzadas com novas fontes ou com trechos de fontes já usadas mas anteriormente desprezados, dando origem a uma família textual enorme e extremamente complexa. Sobre estas questões ver Diego Catalán, *De Alfonso X al conde de Barcelos*, Madrid, Gredos, 1962 e, mais recentemente, *idem*, *De la silva textual al taller historiográfico alfonsi – Códices, crónicas, versiones y cuadernos de trabajo*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1997 e *idem*, *La Estoria de España de Alfonso X – creación y evolución*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1992. Ver ainda Inés Fernández-Ordóñez, *Versión Crítica de la Estoria de España*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1993, bem como a útil síntese: *idem*, “La transmisión textual de la “Estoria de España” y de las principales “Crónicas” de ellas derivadas”, *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*, Valladolid: Fundación Santander Central Hispano / Centro para la Edición de los Clásicos Españoles, 2000, pp. 219-260.

outros discursos fundacionais, para catalisar uma essência que se projecta sobre um espaço determinado, marcando-o de forma única e, deste modo, distinguindo-o dos outros espaços urbanos, contíguos ou mais longínquos. Acresce ainda a eventual existência de outras tradições, já não fundacionais, mas que não deixam por isso de assinalar o espaço a que se referem e onde se situam acontecimentos que tanto podem ser gloriosos como infames, caso de Toledo, cidade marcada pela traição dos judeus que aí habitavam e do seu conluio com os muçulmanos².

Estas diversas narrativas constituem formas bastante evidentes de valorização (ou desvalorização) de um espaço. Quer se trate de uma aura de glória que cintila graças às personagens ilustres que aí viveram ou que aí actuaram ou, pelo contrário, de narrativas infamantes veiculadas por tradições ligadas à valorização de cidades rivais, estas histórias fazem com que cada terra assuma um carácter único, contagiando com essa identidade quem lá viva ou de lá provenha. No fundo, estamos perante procedimentos em tudo idênticos aos que, se bem que a uma escala diferente, contribuíram para construir os estereótipos dos diversos países e respectivas populações, fazendo com que, por exemplo, os alemães possam ser conhecidos como rudes, os franceses como chauvinistas, os italianos como galanteadores...

No entanto, estas narrativas também não consistem na única forma de assinalar um espaço, mormente um espaço urbano. Com efeito, para além deste nível mais genérico, existem múltiplas estratégias que se tornam tanto mais interessantes quanto são passíveis de estabelecer teias de referências significantes. No caso da *Estoria de Espanna* afonsina, é possível identificar jogos deste tipo, ou seja, o estabelecimento de associações que funcionam tanto a nível sincrónico como a nível diacrónico, tendo como base espaços urbanos concretos. Com efeito, sempre que se refere que uma determinada cidade é agraciada com um gesto de um soberano, estabelece-se uma relação sincrónica de valorização ou de desvalorização entre aquela cidade e aquele rei específicos, consoante se trate de gestos ou de obras benéficas ou maléficas realizados numa terra valorizada positiva ou negativamente. Por outro lado, sempre que um

² “E dize don Lucas de Thuy en loor desta cibdad, que seyendo ella buena, poderosa, fuert et complida de mucha buena caualleria que siempre ouo en ella, que a ora fue metuda en poder de los ysmaelitas et uençuda sin otra batalla que y ouiesse por la traycion de los judios; ca dizen que en dia de Ramos que salieron los cristianos, por onrra de la fiesta que era grand, fuera de la uilla, et fueron a la iglesia de santa Leocadia por oyr y la predigacion et la palabra de Dios; e los judios que auien puesta su sennal de traycion con los moros, cerraron las puertas de la villa a los cristianos et abriron las a los moros; e desí por que el pueblo de los cristianos estaua desarmado et sin sospecha de mal, saliron a ellos los moros et mataron y a todos” (PCG: I, 316a).

soberano age sobre determinado espaço, também se associa, isomorficamente, aos outros líderes que, a nível diacrónico, já tinham, anteriormente, estabelecido uma relação com aquela terra. Este último tipo de associações, em particular, pode dar origem a redes de correspondências tão subtis quanto significativas, decorrendo daí a possibilidade da sua utilização como ferramenta retórica com vista à defesa ou à promoção de finalidades pragmáticas bastante concretas.

A forma mais clara de relacionar, diacronicamente, personagens distintas consiste, obviamente, em comparações explícitas com antecessores de um passado, tanto mais prestigioso, quanto mais longínquo. É o caso, por exemplo, da narrativa que nos veicula o raciocínio de Júlio César perante uma estátua de Alexandre, achada em Cádiz:

y entre otras muchas ymagenes que y auie, fallo una del rey Alexandre, e dizien todos que fuera fecha a semeiança del, de grandez e de fayçon; e quando Cesar la uio, estudo la catando grand pieça cuydando, e depues dixo que si Alexandre tan pequenno fuera de cuerpo e tan feo e tan grandes fechos e tan buenos fiziera, el, que era tan fermoso e tan grand, por que no farie tan grandes fechos o mayores. (PCG: I, 9a)

O mesmo mecanismo repete-se em inúmeras remissões e alusões que, ocasionalmente, povoam o relato estabelecendo nexos entre figuras que, apesar de distantes no tempo, podem ser consideradas, de alguma forma, isomorfas, constituindo, deste modo, cadeias de exemplos, tanto positivos, como negativos, ou seja, dois paradigmas compostos por figuras comparáveis entre si³.

³ É o caso, na PCG, da comparação entre Júlio César e Alexandre (favorável ao primeiro), acima citada, ou de uma batalha entre Júlio César e Pompeu, que se afirma ser superior às travadas por Hércules ou Alexandre (I, 82 – cap. 104). Aquando do elogio de Pompeu surge uma comparação com Hércules, Alexandre e Libero (I, 82 – cap. 105), sendo este considerado o melhor do seu tempo (até Júlio César, depreende-se). Encontramos ainda comparações, por exemplo, em I, 142 – cap. 192 (entre Trajano e Alexandre), 145 – cap. 195 (entre Trajano e Júlio César) ou 170 – cap. 275 (entre Aureliano e Júlio César e Alexandre). Estas comparações parecem tentar criar um linha de heróis exemplares (imperadores / unificadores) como Hércules, Alexandre, Júlio César, o espanhol Trajano (acerca do qual ainda se aponta a ascendência troiana: I, 142 – cap. 192) ... Para o período do início da Reconquista saliente-se a eloquente comparação de Pelaió e dos seus homens com os Macabeus. Enunciado em termos muito explícitos, se bem que agora no paradigma negativo, é ainda o facto de se mostrar como Otão associa o seu nome a Nero, de quem fora amigo, pois é por este meio que Otão tenta justificar-se como Imperador uma vez que assumira esta posição sem direito a ela (I, 129-30 – cap. 180). Sobre estes assuntos ver também Georges Martin, *Histoires de l'Espagne médiévale. Historiographie, geste, romancero*, Paris, Publication du Séminaire d'études médiévales hispaniques de l'Université de Paris XIII / Klincksieck, 1997, particularmente "Temporalités (trois logiques temporelles du récit historique médiéval)" (pp. 57-68) que refere, a par de um tempo da hereditariedade e de um tempo da causalidade factual, a existência de um tempo da exemplaridade

No entanto, mais do que nesta forma extremamente clara de estabelecer nexos, centrar-nos-emos aqui num modo particular de relacionar figuras que se concretiza no espaço físico de algumas cidades. Trata-se de uma estratégia que se baseia no recurso à utilização de sinais, mensagens mais ou menos enigmáticas, deixados por algumas personagens emblemáticas do passado mais remoto para os seus congéneres vindouros. É Hércules quem mais sinais deixa para os heróis seguintes, caso de Júlio César, destinatário da estátua e da inscrição com que foi assinalado o lugar onde Sevilha seria povoada (PCG: I, 8-9)⁴. Também Pirus, genro de Espan, povoa Toledo no lugar anteriormente marcado pelas torres, fruto da divinamente castigada discórdia que opôs os filhos do mítico rei Rotas (PCG: I, 12-14). Idêntica, e ainda mais remota, é a narrativa segundo a qual o rei Rotas teria assinalado o lugar onde Roma posteriormente surgiria, conforme relatado no seguinte excerto:

Otros cuentan en las estorias antiguas de Espanna que quando el rey Rocas andido por el mundo uuscando los saberes, assi cuemo es ya contado en el comienzo desta Estoria dEspanna, que uino por aquel logar o despues fue poblada Roma, y escriuiou en dos marmoles quatro letras: las dos en ell uno et las dos en ell outro, que dizien Roma, y estos fallo y despues Romulo quando la poblo, et plogol mucho por que acordauan com el so nombre; et pusol nombre Roma (PCG: I, 85a)⁵

um trecho que tem ainda a grande vantagem de ligar aquela que foi o centro do Mundo Antigo e sede do Império Romano com a Espanha, graças ao percurso de uma figura de ligação, Rotas, um rei mítico, vindo da Antiguidade mais longínqua. Acresce, ainda, a curiosa nota segundo a qual o primeiro nome de Roma teria sido “Valência” (PCG: I, 84).

onde situações particulares formam classes de equivalência, ilustrando assim o que, de acordo com a ideologia do historiador, se assume como uma lei geral: “*L'exemplarité historique est donc fonction du temps dans la mesure où la fréquence (effective ou virtuelle) d'une configuration factuelle fonde l'induction de la loi qui définit une classe d'équivalence événementielle.*” (p. 66).

⁴ Hércules deixa ainda uma segunda estátua, em Cádiz, assinalando a sua entrada na Península Ibérica. A tradição textual deste trecho revela-se muito curiosa dadas as modificações e os diversos propósitos que serviu. Sobre este assunto ver Isabel Barros Dias, “O mundo paralelo dos «Simulacra»”, António Branco (Coord.), *Figura. Actas do II Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Faro, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2001, pp. 219-232 e “Dialogue et Confrontation Idéologique”, Danielle Buschinger (ed.), *La Guerre au Moyen Age*, Amiens, Presses du Centre d'Études Médiévales: Université de Picardie – Jules Verne, 2000, pp. 47-54.

⁵ O trecho anterior que esta referência ecoa encontra-se na PCG: I, 13a: “E uino por aquel logar o fue despues poblada Roma, y escriuiou en un marmol quatro letras de la una parte que dizien Roma; y estas fallo y despues Romulo quando la poblo, e plogol mucho por que acordauan con el so nombre, e pusol nombre Roma.”

Estes pormenores, tanto por si só, como ainda mais quando amplificados pelas associações diacrónicas que estabelecem entre figuras diversas, inscrevem-se, com a maior facilidade, numa linha de criação de “passado” ou de “antiguidade”, com vista à dignificação das cidades mais importantes da Espanha. Além disso, independentemente de alguns dos acontecimentos descritos terem efectivamente tido lugar ou não, acentuamos, aqui, o facto da sua narração ser construída de forma a fazer com que se articulem não só ao nível de personagens históricas, mas também, e sobretudo, de modo a conjugarem-se com relatos e personagens obviamente míticos, fictícios, graças às correspondências efectuadas. Desta forma, estabelecem-se as bases para a construção de um imaginário que nada tem de inocente ou de fortuito mas que, pelo contrário, remete para finalidades bem definidas, como adiante veremos em maior detalhe.

Variantes destes procedimentos podem ainda ser consideradas as múltiplas alusões que ligam distintas personagens a diversos monumentos ou locais específicos, ou porque os restauram, ou porque aí celebram alguma solenidade digna de nota. Com efeito, ao interagirem com, ou num determinado espaço físico concreto, cada figura passa, assim, e de certo modo, a integrar a cadeia que une as diversas personagens para cujo percurso aquele espaço, em particular, foi importante, ou, pelo menos, significativo. Um exemplo bastante evidente será o do aqueduto de Segóvia, mandado restaurar por Afonso X, segundo testemunho da *General Estoria*, o que implica a associação do nome deste soberano ao monumento romano⁶. Este caso assemelha-se a múltiplas outras associações relativamente discretas. Assim, podemos, igualmente, mencionar Espan que termina a obra de Hércules (PCG: I, 11) ou Júlio César que renova a antiga torre da Corunha, erigida, segundo a tradição, por Hércules (PCG: I, 92). Também a forma como os restos mortais de Júlio César são guardados (PCG: I, 97) é depois ecoada nas exéquias de Trajano (que por sinal, além de imperador, era espanhol) e o único enterrado dentro da cidade de Roma após Júlio César (PCG: I, 145).

Outras personagens há que se caracterizam (e se aproximam deste modo entre si) por tentarem estabilizar e/ou ordenar o território, caso de Constantino (PCG: I, 196) ou, posteriormente, de Bamba, também visto como um restaurador na medida em que é apresentado a reconstruir o que fora destruído na guerra (PCG: I, 292, 293 ou 294). Outra possibilidade

⁶ Esta questão já foi apontada por Francisco Rico, *Alfonso el Sabio y la 'General Estoria'. Tres lecciones*, Barcelona, Ed. Ariel S. A., 1984, p. 120.

consiste, ainda, num percurso tão exaustivo quanto possível do território, uma atitude em tudo coerente (a nível simbólico) com a tomada de posse desse mesmo espaço, e que poderá ser exemplificada com o circuito vitorioso que Júlio César empreende pela Península Ibérica, duplicando o itinerário anteriormente levado a cabo por Hércules (PCG: I, 8-11):

Pues que Julio Cesar ouo tornadas todas las Espannas so el sennorio de Roma et so el suyo, uino a la prouincia de Guadalquiuir, et mudo a Seuilla el nombre, et mando la llamar Julea Romulea. Desi andando por las otras tierras de Espanna, fizo fazer en la prouicia de Guadalquiuir et por ell Andaluzia por nobleza et prez del so nombre las carreras a que agora dizen Arracifes. E fue a Galizia al logar que llaman Crunna, et renouo la torre del faro que fiziera Hercules que era ya lo mas della cayda. (PCG: I, 92a)

Cabe ainda salientar que estas estratégias não se verificam só no âmbito do positivo. Já numa associação de conotação negativa, é ainda Hércules quem deixa o marco fatídico da casa maravilhosa, em Toledo, cuja violação, pelo rei Rodrigo, faz soltar (como se de uma nova caixa de Pandora se tratasse) a notícia da eminência da invasão muçulmana, mas cuja boa e respeitosa manutenção seria, implicitamente, o garante da continuidade inabalada do reino godo⁷.

O relato da *Estoria de Espanna* articula-se, desta forma, em torno de exemplos positivos e negativos (tanto de personagens como de situações), exemplos estes que vão surgindo, de forma diferente, ao longo do decurso temporal abarcado pela narrativa, mas sempre carregando valores idênticos, cada um como pré-figuração do seguinte, constituindo o que poderíamos

⁷ “En la cibdad de Toledo auie estonces un palacio que estidiera siempre cerrado de tiempo ya de muchos reys, et tenie muchas cerraduras, e el rey Rodrigo fizol abrir por que cuedaua que yazie y algun grand auer; mas quando el palacio fue abierto non fallaron y ninguna cosa, sinon una arca otrossi cerrada. E el rey mando la abrir, et non fallaron en elle sinon un panno en que estauan escriptas letras ladinas que dizien assi: que quando aquellas cerraduras fuessen crebantadas et ell arca et el palacio fuessen abiertos et lo que y yazie fuesse uisto, que yentes de tal manera como en aquel panno estauan pintadas que entraien en Espanna et la conqueririen et serien ende sennores. El rey quando aquello oyo, pesol mucho por que el palacio fiziera abrir, e fizo cerrar ell arca et el palacio assi como estauan de primero. En aquel palacio estauan pintados omnes de caras et de parescer et de manera et de uestido assi como agora andan los alaraues, e tenien sus cabeças cubiertas de tocas, et seyen en cauillos, et los uestidos dellos eran de muchos colores, e tenien en las manos espadas et ballestas et sennas alçadas. E el rey et los altos omnes fueron mucho espantados por aquellas pinturas que uiran.” (PCG: I, 307a-b).

qualificar como conjuntos de associações tipológicas seculares⁸. Com efeito, a associação entre eventos equivalentes ou aproximáveis consistia num hábito intelectual dos mais correntes. O sistema de ensino medieval baseava-se, concretamente, na prática da leitura interpretativa, para a qual concorriam as técnicas que cedo deixaram de ser aplicadas em exclusividade aos textos sagrados. Assim, se, curiosamente, o sentido literal ou histórico era considerado como o nível mais simples de leitura e de análise, a este vão sobrepor-se os sentidos alegórico, tropológico e anagógico⁹, que não deixaram de ser aplicados a múltiplas formas textuais, entre as quais

⁸ A criação de analogias deste tipo foi igualmente constatada por Gabrielle M. Spiegel, *The Past as Text. The Theory and Practice of Medieval Historiography*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1999, pp. 91, 97 ou 108. A autora considera que o uso secular desta forma de pensamento pela historiografia constitui uma estratégia eficaz para a criação de relações entre o passado e o presente. Assinala ainda o facto deste tipo de analogia contrariar a progressão linear da historiografia, sendo, por isso, necessário estabelecer um compromisso ou equilíbrio entre duas tendências opostas: “As evidence of historical continuity, it [Genealogy] lends plausibility to the analogizing tendencies of medieval historical thought, allowing perceived relationships between historical figures and events in the past and present to be viewed as part of one continuous stream of history. It prevents these “typologies” from becoming purely symbolic connections and therefore saves history from allegory.” (p. 97). Sobre este assunto ver ainda Inge Skovgaard-Petersen, “Saxo Grammaticus: a national chronicler making use of the genre *chronica universalis*”, Jean-Philippe Genet (ed.), *L'historiographie médiévale en Europe*, Paris, éditions du S.N.R.S., 1991, pp. 331-340 que refere igualmente a promoção de associações tipológicas.

⁹ Enquanto o sentido dito “histórico” seria o mais conforme à realidade dos acontecimentos narrados, os restantes sentidos já conferem ao discurso outras dimensões. No que se refere ao sentido alegórico, este nível é considerado no corpo do texto. Quanto aos restantes sentidos, em termos genéricos, o sentido tropológico procura, a partir da realidade visível, descortinar verdades morais superiores e o sentido anagógico, indo um pouco mais além, parte igualmente da realidade mundana mas que agora é entendida como representação das realidades celestes e da vida futura. De salientar, ainda, como esta organização pode variar, seja na ordem, seja no número dos seus elementos, podendo apresentar fórmulas tanto triplas como quádruplas. Sobre estes assuntos ver, nomeadamente, a obra clássica de Edgar de Bruyne, *Études d'Esthétique Médiévale*, Paris, Albin Michel, 1998, vol. I, pp. 682-3 ou, ainda, o estudo monumental de Henri de Lubac, *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'écriture*, Paris, Aubier, 1959 (I Parte, I e II), 1961 (II Parte, I) e 1963 (II Parte, II) que refere múltiplas formulações, evoluções, mutações e arrumações que esta estrutura exegetica apresentou. O sentido literal ou histórico é abordado primordialmente na I Parte, II, pp. 425-487 (cap. VII), onde é igualmente relacionado com a historiografia. Quanto aos restantes sentidos, Henri de Lubac equaciona a alegoria com a fé, a tropologia com a mística e a anagogia com a escatologia. De salientar, também, as curiosas e ilustrativas fórmulas mnemónicas referidas por este autor como seja “Littera gesta docet, quid credas allegoria, / Moralis quid agas, quo tendas anagogia.” (Intr., p. 23) ou “Dicitur historicus quem verba ipsa resignant, / Et allegoricus priscis qui ludit in umbris; / Moralis per quem vivendi norma tenetur, / Quid vero speres anagogicus altius offert.” (Intr., p. 24). Para uma análise que equaciona os níveis de leitura com o imaginário semiótico da historiografia, ver Georges Martin, *Histoires de l'Espagne médiévale. Historiographie, geste, romancero*, Paris, Publication du Séminaire d'études médiévales hispaniques de l'Université de Paris XIII / Klincksieck, 1997 (“L'hiatus référentiel (une sémiotique fondamentale de la signification historique au Moyen Âge)”, pp. 43-56). Ver, também, Martin Irvine, *The Making of Textual Culture. 'Grammatica' and Literary*

precisamente a historiografia. Referimo-nos aqui, em particular, ao sentido alegórico que, apoiado, regra geral, no método tipológico, procurava, na sua origem, estabelecer relações entre as cenas do *Antigo* e do *Novo Testamento*. Trata-se, pois, de uma forma de relacionar factos e personagens em tudo semelhante ou equivalente à que aqui se desenha.

Com base nesta dinâmica, é possível constatar que a história, para Afonso X, se constrói, também, como uma espiral de momentos positivos e negativos. Apesar do tempo na historiografia cristã ser sempre concebido como um *continuum*, uma progressão que tem o seu início com a criação do Mundo e encontrará o seu termo quando Deus decidir do fim dos Tempos, esta noção não impede, necessariamente, a presença de outras lógicas que, não a contrariando, também não deixam de a complexificar. Assim, o decurso do tempo, na *Estoria de Espanna*, apesar de linear, repete-se em situações isomorfas, dando origem a uma espiral onde a evolução cronológica não obsta ao retorno aos mesmos locais, de forma idêntica, de personagens mais ou menos equivalentes, com atitudes semelhantes ou, de alguma forma, associáveis. Diferem exclusivamente pelo facto de ocorrerem em momentos diferentes, ou seja, pela sua assincronia.

A ter em conta o ideário político de Afonso X, o binómio das associações entre personagens positivas e negativas é facilmente articulável com os pólos antitéticos que opõem a expansão e a unificação territoriais à desagregação do território dividido em facções rivais ou mesmo em reinos distintos, noção esta que se conjuga perfeitamente com os exemplos que temos vindo a considerar. Desta forma, também os sinais, as “mensagens cifradas” que algumas figuras de excepção vão deixando nos espaços urbanos, já existentes ou a fundar, para personagens futuras, igualmente de destaque, contribuem para a sua integração nestes paradigmas mais latos. De um lado, temos a unificação territorial, considerada positivamente, fruto da acção de personagens gloriosas, conquistadores, unificadores ou mesmo imperadores (como se verifica, para o período mais antigo, com Hércules e Espan, com Júlio César e outros Imperadores romanos apresentados de forma positiva ou, ainda, com os Godos). Pelo outro lado, temos a desagregação, a divisão do território, fruto de invasões, de traições e/ou de desacordos, marcados como calamidades, quase à imagem dos castigos e catástrofes que, no relato bíblico, assinalaram as primeiras Idades do

Theory 350-1100, Cambridge, Cambridge University Press, 1994 – em particular a Parte 6 (pp. 244-271) onde o autor acentua que os quatro sentidos constituem meras formas de classificar os significados e não diferentes níveis ou códigos. Distingue, então, o que considera serem os códigos operativos efectivamente usados na prática: história, alegoria e tipologia (pp. 259, 262 e 264).

Mundo, protagonizados por personagens consideradas de forma menos favorável. O último destes momentos terríveis terá sido precisamente a invasão muçulmana de 711, ainda tão presente, e que renovava a memória de outras situações igualmente destruidoras, associando, deste modo, uma série de acontecimentos que, mesmo se afastados no tempo, se aproximam a nível ideológico e/ou emotivo¹⁰.

De acordo, ainda, com esta estruturação lógica dos acontecimentos, os gigantes de Babel não se limitam a caracterizar o paradigma do desentendimento em geral. Este converge, e concretiza-se frequentemente, na situação mais precisa da divisão territorial, encarada como consequência do estado de desacordo. Dada esta ligação de causa-efeito, as duas situações, ou seja, tanto o desacordo como a divisão territorial, são associadas ao estigma do castigo divino¹¹ e, conseqüentemente, marcadas de forma sobremaneira negativa. Com base neste *a priori* disfórico, decorre todo o peso crítico que condenará os variadíssimos exemplos de guerras civis cujas conseqüências são sempre apresentadas como funestas, desde o caso mítico dos filhos do rei Rotas ao dos diversos combates que opuseram Pompeu e seus partidários a Júlio César¹². Esta situação virá, posteriormente, a espelhar-se nas guerras fratricidas ocorridas entre os filhos do rei D. Sancho de Navarra, Garcia, Fernando e Ramiro, senhores, respectivamente, de Navarra e da Cantábria, de Castela e de Aragão (PCG: II, 474 spts); bem como nas contendidas que opuseram os filhos do rei Fernando I, Sancho, Afonso e Garcia, soberanos, respectivamente, de Castela, de Leão e de Portugal e Galiza (PCG: II, 493 spts). No entanto, também depois destes períodos de divisão e de combates,

¹⁰ Caso das destruições referidas na PCG: cap. 14-15 (pelos “almuiuces”, os de Flandres e de Inglaterra) ou das invasões dos vândalos, silingios, alanos e suevos que irrompem pelo Império Romano. Estes momentos podem, de certa forma, reproduzir, à escala da Península, o que catástrofes como a expulsão do Paraíso, o Dilúvio ou a destruição da Torre de Babel terão significado para a Humanidade. Acresce ainda o facto de, no pranto pela destruição da Espanha, aquando da invasão muçulmana, além da recordação das outras destruições anteriores, ainda serem estabelecidas comparações com grandes cidades igualmente flageladas como Babilónia, Roma, Jerusalém ou Cartago (PCG: I, 313 – cap. 559).

¹¹ “que nuestro señor Dios danno el lenguaje en tal guisa ques non entendien unos a otros, e por esta razon solamientre fueron departidos en los lenguajes, mas aun en las uoluntades, de manera que non quisieron morar unos con otros.” (PCG: I, 4b). Esta imagem punitiva é acentuada, um pouco depois, com o castigo dos judeus, desterrados e cativos pelo mundo após a destruição de Jerusalém pelo imperador Adriano (PCG: I, 148-9 cap. 199).

¹² Depois relembrados explicitamente quando Otão manda matar Galba (PCG: cap. 179). Do mesmo modo, num momento em que se verificam desavenças e destruições na Judeia é estabelecida uma comparação com a desordem que sobreveio quando Jesus Cristo foi morto e Barrabás libertado (PCG: cap. 183).

numa sucessão alternante, ressurgem novas e elogiadas reunificações, primeiro com Fernando I e, depois, com Afonso VI¹³.

Verificamos, assim, como o estabelecimento de ligações entre diversas personagens, com base em ancoragens, ou seja, no assinalar de espaços urbanos determinados constitui um vector importante para a construção de analogias que, no seu todo, se revelam como particularmente significativas, fundamentais, mesmo, para a manutenção da coerência interna da obra, nomeadamente na medida em que contribuem para veicular mensagens ideológicas concretas.

Desta forma, a historiografia constitui, efectivamente, uma eficiente arma de combate político e ideológico, sobretudo se tivermos em conta o contexto mais geral das ambições unificadoras e imperiais do rei Sábio bem como a forma subtil como a sua historiografia usa outras ferramentas retóricas para a defesa dos mesmos valores, caso da genealogia¹⁴ ou da apresentação de sinais premonitórios, interpretados profeticamente em prol dos interesses do soberano mecenas¹⁵.

¹³ Para uma noção dos testemunhos existentes dos trechos que acabamos de referir, tanto na versão primitiva, como na versão crítica, ver Inés Fernández-Ordóñez, *op. cit.* (2000), pp. 228-230 e 232-233.

¹⁴ Caso da referência a uma curiosa linhagem que, na *General Estoria*, procura ligar os antepassados imperiais de Afonso X à linha mais ilustre da Antiguidade clássica, traçando a ascendência dos Staufen até ao próprio Júpiter (Afonso X (ed. de António G. Solalinde), *General Estoria, Primera Parte*, Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1930, pp. 200-201). Esta construção parece constituir um fio privilegiado de figuras excepcionais no seio do paradigma positivo. À semelhança da rememoração dos bons exemplos que visa, em última análise, a sua superação no presente, também a linha de excepção apontada remeteria para um representante coevo ímpar, um papel ao qual Afonso X provavelmente não se furtaria.

¹⁵ As figuras de excepção podem também ser alvo de profecias, agoiros, sonhos, sinais ou milagres. É o caso de Hércules e Júlio César. Adriano cumpre uma profecia de Daniel (PCG: I, 148 — cap. 199) e Bamba é agraciado, seja com sinais, como o da abelha (I, 284 — cap. 513), seja com milagres (I, 323 — cap. 568). Mais referências a agoiros, sonhos ou sinais dirigidos a personagens diversas, positivas ou negativas, surgem na PCG: I, 25 (cap. 37), 38 (cap. 57), 97 (cap. 122), 115 (cap. 164), 118 (cap. 166), 120 (cap. 169), 127 (cap. 178), 201 (cap. 349), 255 (cap. 452), 269 (cap. 487) ou 274 (cap. 494). Finalmente, o próprio Afonso X, surge como o destino implícito da explicação de um fenómeno que se realiza aquando do nascimento de Jesus Cristo, remetendo-o para o tão ambicionado Império (PCG: I, 108).